

A fama dos quase sem nome

Anônimos que fazem parte da paisagem de seus bairros são reconhecidos entre a multidão e deixam o completo anonimato

JULIANA PETRUCCELLI, MEILY MONTEIRO E VIVIANE MORGADO



ra uma vez, nos classificados de um jornalzinho local...

“Dona Elza. Mulher de meia idade, cabelos pintados de louro, mais ou menos 1,63 de altura, morena. Já trabalhou como babá em um prédio próximo ao atual endereço. Procura: identidade”.

A sorte é que o “era um vez” só existe nos livros de histórias infantis e nos discursos políticos, porque, se o anúncio acima estivesse perto da realidade, os jornais seriam bem mais volumosos do que os de hoje em dia.

Dona Elza, no entanto, é real. Moradora da rua Conde de Bonfim, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, na altura do Tijuca Tênis Clube, ela já é figurinha conhecida no bairro. E põe “figura” nisso. Ai de quem tentar passar no seu território em um mau dia: a próxima vassourada pode ser sua. E sim: no dia de tentar uma entrevista, a vassourada foi das repórteres.

Mas Dona Elza é apenas um exemplo das pequenas “celebridades” que habitam cada bairro. Esses moradores de rua escolhem um lugar, delimitam seu novo espaço, e seguem vivendo em um mundo paralelo, incorporando uma personalidade que chama a atenção de quem vai comprar um pão ou o jornal.

Apesar de ganhar certo destaque dentro de um nicho, esses moradores de rua continuam no anonimato. Cor, idade, aparência, nome... Parece que nada disso é suficiente para definir a identidade de

Juliana Petrucelli



Antônio Neri Leal, o “Lord of popcorn”, ganhou fama sem deixar de ser anônimo

alguém. Qual a história das Donas Elza? Essa é a pergunta que, na falta de colírio, colocamos óculos escuros para não enxergar.

A psicóloga e professora da UFF, Estela Scheinvar dá a sua justificativa. “Essas pessoas são usadas para produzir estigmas e fortalecer processos excluídos e individualizados. Não há reconhecimento, são apontados como culpados: há julgamento, não reconhecimento. Personificam o lixo, o mal, o indecente, o indevido”, afirma.

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, são 6.051.399 óculos. Ops, quer dizer, habitantes. Pessoas que, a pé ou nos quase dois milhões de veículos que rodam os 159 bairros, podem esbarrar nos cerca de 2.400 minutos semanais de labuta ou

nos poucos segundos de lazer. Todos parecem assumir a identidade de uma massa – e seguem com olhar *blasé* o seu dia a dia, eventualmente desviando o olhar... para o relógio.

Povo apressado; trabalhador, sem tempo. Dizer que carioca só vai à praia é inveja de paulista, dizem os mais sérios. Mas se apropriar da idéia é pagar direitos autorais para o mundo inteiro. Gay Talese, o mais famoso repórter do Novo Jornalismo, descreve em *Fama e anonimato*, publicação de 2004, a identidade dos anônimos da *Big Apple*: “Nova York é uma cidade de homens sem cabeça que ficam dia e noite enfiados em guichês de metrô, vendendo bilhetes para pessoas apressadas. A cada dia da semana, mais de 4 milhões de usuários passam por estes homens que parecem não ter cabeça, nem rosto, nem personalidade – apenas dedos”, diz.

O jornalista define o que é ser anônimo em uma grande metrópole, estando ele em Nova Iorque ou na Cidade Maravilhosa. No entanto, não é preciso ser um *flâneur* de carteirinha para perceber que, na rotina da invisibilidade, alguns homens ganham suas cabeças de volta e tornam-se figuras reconhecidas pelos espaços ou pelas ruas que costumam habitar. Afinal, já diria João do Rio em *A alma encantadora das ruas*: “Oh! sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos. Um cidadão que tenha passado metade da existência na Rua do Pau Ferro não se habitua jamais à Rua Marquês de Abrantes!”. Bom, Dona Elza já escolheu a sua rua.

Entretanto, às vezes, dois corpos podem ocupar um mesmo espaço. Na Tijuca, são 163.636 habitantes. Nesse bairro, Dona Elza tem que dividir a fama com outro famoso: o “mendigo escritor”. Tema de uma comunidade do Orkut, um serviço de rede social oferecido pelo Google, Renato – seu verdadeiro nome – ficou famoso por passar horas sentado no chão escrevendo em cadernos. Não há quem passe na rua e não fique surpreso ao ver um indivíduo maltrapilho tão concentrado em seus

escritos e desenhos. Hoje, através da fama alcançada com a internet, Renato é conhecido também por pessoas de outros bairros.

Curiosos por saber o que ele tanto escreve, a maioria dos transeuntes nem sabe qual é a história de vida que aquele caderno tão maltratado é capaz de contar. Membro do fórum do Orkut e voluntária de uma organização não governamental (ONG) chamada “Alto Sustentável”, que desenvolve projetos no Alto da Boa Vista – dentre eles, um jornal comunitário –, Renata Deolindo revela que o chamado “mendigo escritor” não é, na verdade, um mendigo. “Renato vive com a mãe em uma comunidade de Mata Machado, no Alto. Ele era considerado uma pessoa normal e inteligente até se envolver com as drogas”, conta Renata. Foi assim que ele passou a sair de casa com o caderno e ficar o dia inteiro na rua, voltando para casa só à noite.

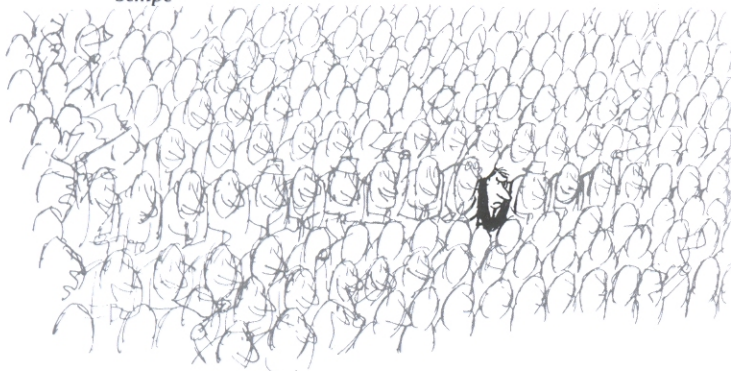
Segundo a psicóloga Adriana Garcia, a fama de Renato no bairro vem da contradição entre o seu rótulo de mendigo e a sua atividade de escritor. “Essa suposta ‘fama’ está no estranhamento que há no fato de uma pessoa excluída realizar algo ‘notável’, ou melhor, nem tão notável assim, já que ser escritor não é nada de tão extraordinário se for feito por alguém ‘comum’, incluído socialmente. Portanto, a tarefa só é notada, porque está sendo realizada por alguém excluído. Ou mais: alguém que, a priori, não é tomado como

capaz ou digno de realizar tais tarefas, porque é um marginalizado, um sujo, um louco”, diz.

No entanto, de acordo com Renata Deolindo, Renato não escreve uma frase sequer; só rabisca. Há quem arrisque e diga que ele é contratado para testar as tradicionais canetas Bic: “Fui perguntar se ele me venderia a caneta ou o caderno, e ele mandou o dedo pra mim!”, conta, bem-humorado, Gustavo Chagas, de 19 anos.

Botafogo, 79.588 habitantes. Perto do colégio Santo Inácio, na rua São Clemente, não há quem não conheça o Horácio – nome dado a um mendi-

Esses moradores de rua escolhem um lugar, delimitam seu novo espaço, e seguem vivendo em um mundo paralelo, incorporando uma personalidade que nos chama a atenção quando vamos comprar um pão ou o jornal



go que perambula pelo local. “O Horácio está aqui há muito tempo, e parece que esse nome foi inventado pelos estudantes”, diz Magdalena Fernandes, de 65 anos, que mora em Botafogo há vinte anos.

Segundo Magdalena, a família de Horácio mora na comunidade Santa Marta, mas ele teria se afastado dos parentes depois de ir para o exército. “Ele apanhou muito lá e acabou ficando com problemas mentais”, lembra a moradora. Hoje em dia, ele é ajudado pelos freqüentadores da igreja do colégio. “O irmão dele trabalha como entregador em uma padaria e cuida do Horácio sempre que pode. Por isso, vira e mexe ele aparece de barba feita”, conta Rafael Garcia, de 21 anos, morador da São Clemente há cinco anos.

De acordo com a psicóloga Adriana Garcia, muitos moradores de rua inventam uma nova trajetória de vida para substituir a real – que muda de rumo a cada transeunte. “Essa fantasia sobre a história de vida é nada mais do que uma defesa do sujeito diante de sua situação de excluído, tornando assim sua sobrevivência naquele meio hostil mais agradável e ‘suportável’. Ou ele pode ser louco mesmo, portador de alguma doença mental ou psicose”, diz.

Mas nem todos os famosos-anônimos são moradores de rua. E, com vocês, Lord of the Popcorn!

“Um amigo meu, um coronel americano que falava 15 idiomas, disse que me achava um Lord e acabou pegando”: daí surgiu “Lord of the

Popcorn”, apelido pelo qual o simpático pipoqueiro do Espaço Unibanco responde há quatro anos. Oficialmente, é Antonio Néri Leal; para os mais íntimos, apenas Tonio, mas também já foi, no início da carreira, “The King of the Popcorn”. Há 20 anos atrás da carrocinha de milho, ele confessa que recebe cantadas, conhece celebridades e que, depois de sair em jornais e revistas, tem que lidar com o preço da fama. Não é fácil ser celebridade – mesmo que um tanto quanto anônima: “É muita gente querendo falar comigo, muito telefonema e e-mail. Quando tô aqui, não dá pra largar a carroça nem um minuto. Às vezes, as madames chamam pra pegar uma sessão com elas, para um *chopp*, mas não dá pra largar”, desabafa o Lord.

Apesar de a pipoca ser o seu maior negócio, Tonio faz questão de ressaltar sua veia artística ao mostrar, com orgulho, um dos cartazes colados na carrocinha. “Onde eu moro, todo mundo já me conhece como ‘Lord Popcorn, o pipoqueiro dos quadrinhos pornográficos’. Mas não é nada disso, meus desenhos são de coisa comum. Eu tô é batalhando pra ver se sai a minha revista”, diz.

A luta do pipoqueiro é por um patrocínio – “de um daqueles caras com cabelo para cima” – para suas revistas em quadrinhos. E essa quimera fica clara para as pessoas ao seu redor. Eberton Santana, bilheteiro do Espaço Unibanco, afirma

que “se o Tonio conseguisse viver de desenhar, largaria as pipocas”. As repórteres, que provaram amostras da pipoca, torcem para Lord continuar no ramo.

Horácio, Dona Elza, Renato e Antonio são apenas alguns exemplos de anônimos que, apesar de experimentarem uma curiosa fama, continuam por aí, tornando-se parte das ruas dos bairros que compõem o Rio de Janeiro. Como em qualquer metrópole, a invisibilidade às vezes pode ser suavizada por um pequeno desvio de olhar, que tira a identidade de determinados moradores do completo anonimato. Sem precisar de anúncio no jornal.

Essa fantasia sobre a história de vida é nada mais do que uma defesa do sujeito diante de sua situação de excluído, tornando assim sua sobrevivência naquele meio hostil mais agradável e “suportável”



A identidade da gentileza

José Datrino, aquele que trabalhava com transportes de cargas em Guadalupe, conhece? E o profeta Gentileza, melhor assim?

Com sua frase-síntese “Gentileza gera gentileza” e seus 55 murais sob o viaduto do Gasômetro, próximo à Rodoviária Novo Rio, no Rio de Janeiro, ele deixou de lado o verdadeiro anônimo-nome para assumir uma nova identidade após o incêndio que destruiu um circo em Niterói, em 1961. Primeiro, passou a consolar e acompanhar as famílias das vítimas, abandonando a própria vida. Mais tarde, no início da década de 1970, começou a percorrer a cidade do Rio de Janeiro – com direito a bata e barbas compridas – pregando aquilo que acreditava: “Gentileza é o remédio de todos os males, amor e liberdade”.

Foi somente em 1988 que o profeta começou a escrever nas pilastras, em verde e amarelo, sua mais conhecida obra, que alguns chamam de um “livro a céu aberto”. Com caligrafia característica, até inspirou a fonte Ghentileza Original, criada pelo designer Luciano Cardinali.

Entretanto, o relato urbano sob o viaduto foi se desgastando com o tempo, até que... “Apagaram tudo / Pintaram tudo de cinza / A palavra no muro / Ficou coberta de tinta”: são palavras de Marisa Monte, na canção *Gentileza*, escrita no dia em que foi apresentar os escritos ao amigo Carlinhos Brown e percebeu que haviam sido apagados. Resolveu homenagear o profeta com a composição: “O mundo é uma escola / A vida é o circo / Amor palavra



José Datrino, o profeta Gentileza: saiu do anonimato por pregar contra a violência

que liberta / Já dizia o profeta”.

Para alegria da cantora e de todos os admiradores da outra identidade de José Datrino, as inscrições foram restauradas em 2000 pelo projeto Rio com Gentileza, coordenado por Leonardo Guelman – autor do livro *Brasil: tempo de Gentileza*. Hoje, continuam legíveis, mas são acompanhadas das pichações urbanas – com pouco teor de gentileza.

Foram muitas homenagens ao profeta. Em 2001, a G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, com o carnavalesco Joãosinho Trinta, trouxe o enredo Gentileza – X – O Profeta do Fogo, dos compositores Ciro, Carlos Santos, Zé Luiz e Cláudio Russo. Na letra do

samba, lá estava: “Considerado louco / O poeta foi bem mais / Deixando nas pilastras / As palavras imortais / Com a sabedoria universal / Pregava contra o mundo desigual / Gentileza gera perfeição / Violência não”.

O profeta Gentileza – ou o “simples” anônimo José Datrino – morreu aos 79 anos, em 1996, ainda propondo simples atos com grandes mudanças. Que tal passarmos a dizer “por gentileza” em vez de “por favor”, e “agradecido” no lugar de “obrigado”? Segundo ele, substituir essas expressões demonstra um comportamento não mais de obrigação, mas de amor.